

FUSSBALL, CALCIO, FOOT-BALL: O FUTEBOL COLONIAL DO RIO GRANDE DO SUL

Cleber Cristiano Prodanov¹

Vinícius Moser²

Universidade Feevale

Novo Hamburgo, Brasil

prodanov@feevale.br

moser@feevale.br

Recebido em 25 de maio de 2011

Aprovado em 14 de julho de 2011

Resumo

Este artigo pretende analisar o desenvolvimento das atividades futebolísticas em duas cidades localizadas na região colonial do Rio Grande do Sul: Novo Hamburgo, fundada e majoritariamente habitada pelos alemães e seus descendentes, e Caxias do Sul, berço rio-grandense da colonização italiana. Pretende-se, ainda, realizar uma comparação do futebol nessas duas cidades distintas do ponto de vista da organização étnica e do mundo do trabalho, mas com semelhanças e diferenças entre os dois processos relacionados à prática do futebol e na constituição dos seus clubes. Para tanto, partiu-se da perspectiva de que o futebol foi um elemento comum ao cotidiano de muitas cidades no sul do Brasil no início do século passado e que esse esporte foi uma manifestação de cultura e de sociabilidade ligada às massas locais, fortemente influenciadas por um movimento regional e, mesmo, nacional.

Palavras-chave: futebol; imigração; clubes; cotidiano.

Abstract

Fussball, Calcio, Foot-ball: Colonial football in Rio Grande do Sul

This article analyzes the progress of football activities in two cities located in the colonial region of Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo, founded and inhabited mostly by Germans and their descendants, and Caxias do Sul, birthplace of the Italian

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP/SP/Brasil), docente permanente do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil), pesquisador do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória da Comunidade da mesma instituição.

² Graduado em História pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS/Brasil) e Mestrando, na mesma instituição, em Processos e Manifestações Culturais, com bolsa Prosup/CAPES.

colonization in Rio Grande. The aim is also to make a comparison of these two distinct cities on football point of view, ethnic organization and the world of work but showed similarities and differences between the two processes related to soccer practice and the development of their clubs. From this, it starts from the beginning of that football was a common element in the daily life of many cities in southern Brazil at the beginning of last century e that this sport was a culture and sociability manifestation linked to the local masses, strongly influenced.

Key-words: football, immigration, clubs, cotidian.

Os primeiros lances do futebol no Rio Grande do Sul

Em muitos estados brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, os anos iniciais do século XX foram férteis na criação dos primeiros clubes de futebol. Naquele momento histórico, acontecia uma importante transformação da sociedade brasileira, pois a República havia sido proclamada em 1889 e a escravidão abolida um ano antes.

A ascensão do regime republicano e a libertação dos escravos foram alguns dos elementos que contribuíram para essa mudança da sociedade brasileira, mas que somados a algumas consequências desses movimentos, como a vinda em massa de imigrantes europeus, o surgimento de um surto industrial e o crescimento das cidades, criaram algumas condições favoráveis ao surgimento de esportes de massa, dentre eles, o futebol.

No Rio Grande do Sul, essas transformações também ocorreram, acompanhando o movimento nacional. Nesse sentido, no Estado, desenvolvia-se também um interessante processo de industrialização, que inicialmente ocorreu utilizando os capitais e a riqueza trazida pela exportação de charque pelos produtores da metade sul. Esse movimento também cresceu com o ingresso de capitais de imigrantes de origem alemã e italiana, que iniciaram processos industriais de vários tipos e tamanhos e que se estabeleceram também no comércio (PRODANOV e MOSER,

2009). Esses imigrantes e seus descendentes, em determinado momento, passaram a ter uma significativa liderança graças ao seu enriquecimento através do grande comércio, da indústria e mesmo da agricultura.

Nesse sentido, nas primeiras décadas do século XX, o futebol desenvolveu-se com muita vitalidade no Rio Grande do Sul, processo este que também ocorreu em outros estados brasileiros. Nesse período efervescente para o esporte, vários clubes haviam se formado em cidades gaúchas, especialmente em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, que iniciaram o movimento de introdução no sentido litoral-interior, ensejando uma multiplicação de equipes esportivas (JESUS, 2001). As primeiras bolas de futebol e demais equipamentos para a prática do esporte, cabe destacar, apareceram na cidade portuária de Rio Grande e em cidades próximas da fronteira com o Uruguai e a Argentina.

A influência argentina e uruguaia do modo de jogar e de organizar o futebol no Rio Grande do Sul foram marcantes em todas as regiões, mas, principalmente, nas fronteiras, onde a chegada das companhias de trem, seus passageiros e trabalhadores iriam marcar definitivamente o futebol do Rio Grande do Sul (DAMO, 1999).

Concomitantemente a essa influência platina na formação dos clubes de futebol na região da campanha sul-rio-grandense, como o 14 de Julho (1902), de Santana do Livramento, e o Sport Club Bagé (1906), na capital Porto Alegre e na região colonial, os imigrantes alemães em muito contribuíram para o relativo surto industrial que o estado teve na virada do século XIX para o XX, bem como para a disseminação do futebol entre as regiões coloniais do Rio Grande do Sul, em se tratando aqui, especificamente, da colônia alemã (JESUS, 2001).

A influência dos imigrantes na transformação econômica do Estado foi tamanha que, sem muita margem para dúvidas, Porto Alegre – capital do Estado – é uma cidade francamente germanizada e essa pujança reflete-se notadamente no início das atividades futebolísticas (PESAVENTO, 1980). Essa presença decisiva dos teuto-brasileiros na introdução do futebol no Estado traduziu-se, por exemplo, na fundação do Sport Club Rio Grande, em 19 de julho de 1900.

[...] esse foi o primeiro clube de futebol criado no RS, contou com a participação majoritária e decisiva de alemães, pois foi um hamburguês chamado Minnermann seu principal articulador e eram de origem germânica a grande maioria dos fundadores do clube (JESUS, 2001, p. 5).

Dessa forma, a participação dos teuto-brasileiros também pôde ser sentida na criação das primeiras agremiações futebolísticas da capital do estado, como será visto adiante. Rapidamente, o esporte que chegou ao Estado como uma manifestação esportiva ligada às elites transformou-se em um esporte popularizado no Rio Grande do Sul, cujo público consumidor, nesse caso o número cada vez maior de adeptos do jogo da pelota ligado aos segmentos populares, não formulava exigências particulares a este produto cultural que chegava na região sul do Brasil (PRODANOV e MOSER, 2009).

Nesse contexto de expansão dos imigrantes e seus descendentes, também na capital, em 1903, foram fundados, no mesmo dia (15 de setembro), os dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre: o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e o *Fussball Club* Porto Alegre. Essa última agremiação existiu enquanto clube durante décadas, mas nos anos 1940 encerrou suas atividades, enquanto o primeiro clube, nesse período, formou sua primeira equipe que não era composta exclusivamente por pessoas de origem germânica.

Com isso, os clubes de futebol surgidos nas diferentes regiões do Estado, e também no caso específico de Novo Hamburgo, funcionaram como expressão das complexidades sociais e atuaram como catalisadores de opções identitárias dos grupos sociais envolvidos. O surgimento e o crescimento de novos clubes na cidade explicitam, à sua maneira, as divisões simbólicas daquela sociedade.

Dentro desse contexto de organização social e identitária a que as comunidades de origem germânica se propunham, os clubes sociais de tiro, de canto e música e de esportes eram muito fortes e foram instituídos já na origem e formação dessas vilas e cidades, juntamente com as igrejas e as escolas, como elementos reforçadores dessa identidade teuto-brasileira. Desde 1824 esse movimento foi intenso e, ao longo de todo o século XIX, dezenas de clubes foram surgindo e multiplicando-se entre os alemães e seus descendentes, na lógica da etnicidade germânica (PRODANOV, 2008).

Embora sendo um distrito de São Leopoldo desde a sua fundação até 1927, quando de sua emancipação, Novo Hamburgo, desde a década de 1890, vivenciou um intenso crescimento das atividades fabris, especialmente com a introdução dos curtumes de couro, depois com as empresas artesanais e, posteriormente, com a indústria calçadista na cidade (SCHEMES *et al*, 2005). O setor coureiro-calçadista definiu nesses anos iniciais a fonte de riqueza da cidade e transformou Novo Hamburgo, em algumas décadas, de um distrito em uma cidade polo da região do Vale do Rio dos Sinos.

Em paralelo com a riqueza gerada pelo couro e pelo calçado, Novo Hamburgo acompanhou as tendências esportivas ditadas pela capital, incorporando o futebol às tradições “clubísticas” já arraigadas. Nesse sentido, vale lembrar, a cidade possuía, na virada do século, clubes de tiro, de ginástica, de canto, de bolão, assim como os seus conterrâneos teuto-brasileiros possuíam em Porto Alegre. E, naturalmente o futebol, já

nas primeiras décadas do século XX, tornou-se presente no cenário esportivo hamburguense.

Em estados como o Rio Grande do Sul e São Paulo, regiões brasileiras que vivenciaram um acentuado processo de industrialização durante a virada do século XIX para XX, o desenvolvimento das atividades futebolísticas ocorreu em paralelo a esta expansão industrial verificada neste período. Nesse sentido, segundo Guterman (2009), foram imigrantes e negociantes de origem inglesa e alemã, que trouxeram o futebol, primeiramente para São Paulo, posteriormente para estados mais distantes do eixo econômico brasileiro, como o Rio Grande do Sul, por estes estarem envolvidos com o processo de início da industrialização do país nesse momento.

Essa dinâmica de industrialização que engendrou o pensamento moderno em regiões como as mencionadas anteriormente, em contrapartida, não encontra paralelo em outras cidades brasileiras. Belo Horizonte pode ser citada como um exemplo desse diferencial, onde a formação dos clubes de futebol começou a tomar corpo anteriormente ao início do processo de industrialização da cidade, que teve começo na década de 1940 (RIBEIRO, 2004; RODRIGUES, 2007). Nos principais clubes fundados nessa cidade, por outro lado, também evidenciou reflexos das diferenças identitárias que se formaram nessa cidade. Assim, Belo Horizonte, “[...] foi rigorosamente planejada segundo parâmetros urbanísticos modernos, incorporando uma vocação e um simbolismo de prosperidade, progresso e espírito republicano” (SILVA, 2008, p. 6). Desse modo, a cidade “moderna” torna-se um espaço propício para a assunção da “modernidade” do futebol, pois esta modernidade,

Considerando essa configuração, (pode ser visualizada) na rivalidade esportiva uma economia simbólica de alguma forma ligada à história dos clubes e das relações entre os diferentes grupos sociais. No jogo esportivo e político, não se jogava apenas o conflito entre as elites e o povo, de certa forma apaziguado pela ideologia populista, mas

também a contradição, constitutiva de nossa identidade, entre duas formas de ser popular (SILVA, 2008, p. 8).

Para além das diferenças sociais demarcadas pelos distintos clubes em suas cidades, o futebol também funcionou e funciona como uma “forma social” de sociabilidade, uma estrutura subjetiva e discursiva que aglutina, permite conversas, aproxima indivíduos de diferentes posições econômicas e estamentais. Assim, a atividade futebolística filia-se ao espírito moderno, que tem na “cultura pública” e na vida das ruas seu espaço essencial; as diferenças na complexidade das massas são democratizadas no espírito do jogo, onde derrota ou vitória começam e terminam no encontro, na aposta e na “flauta”; esses elementos podem ser claramente identificados como constituintes do cotidiano de uma determinada comunidade.

A emancipação de Novo Hamburgo, ocorrida em 1927³, e a elevação de Caxias do Sul à categoria de cidade, em 1910 (MICHIELIN, 1994), deram-se dentro desse contexto de modernização e mudança das sociabilidades que ocorreram nessas jovens urbes. Nesse contexto de acelerada urbanização e de transformação dos hábitos e costumes dos principais espaços urbanos rio-grandenses, “[...] as práticas cotidianas estão na dependência de uma parte do conjunto” (CERTEAU, 1994, p. 109) e o futebol faz parte desse intrincado mosaico urbano, local da proximidade das pessoas, de seu bairro, até mesmo de sua rua. O futebol atua também como um grande mobilizador e transformador, aquilo que Certeau chamou de “inventividade” do cotidiano.

Além desses aspectos já mencionados anteriormente, o futebol também é um esporte apaixonante e que fez uma rápida transposição para as massas, assim como foi

³ Novo Hamburgo foi um distrito da cidade berço, São Leopoldo (RS), até 1927, ano de sua emancipação. Seus fundadores foram oriundos das primeiras levas de imigrantes alemães que chegaram ao estado do Rio Grande do Sul, em 1824, e se estabelecem no Vale do Rio dos Sinos (RS), próximo a Porto Alegre. A vocação agrícola e industrial criou um forte vínculo econômico com a capital, processo que determinou o desenvolvimento dessa região cuja atividade principal deslocou-se, ao longo dos anos, da agricultura para o setor coureiro-calçadista (SCHEMES, 2006).

um elemento que marcou alguns espaços e territorialidades, estilos de vida, expressão de grupos sociais, econômicos e mesmo étnicos. Como bem observou Michel de Certeau (1994), esses territórios urbanos ou bairros e até mesmo ruas foram pródigos em induzir um estilo de vida e comportamento, pois, para o autor, existia “[...] uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição” (CERTEAU, 1994, p. 39).

Dessa forma, ao observar-se a dinâmica que esse esporte tomou nas interioranas e industrialmente prósperas cidades coloniais de Novo Hamburgo e Caxias do Sul, percebem-se esses elementos articulando suas singularidades e fortalecendo a constituição de equipes de futebol marcadamente territoriais e conflitantes. Esse movimento permitiu que o surgimento dos clubes seguisse as rivalidades e o desenvolvimento do futebol local, amplamente difundido além das quatro linhas, contagiando os atletas e dirigentes, as ruas, fábricas e as massas da cidade.

Desse modo, o presente artigo pretende analisar, através da revisão bibliográfica efetuada acerca dessa temática, assim como por meio da análise de conteúdo de periódicos que possuem relevância para o tema aqui proposto – seguindo os pressupostos teóricos elencados Laurance Bardin (1977) para tal método de análise –, de que maneira a atividade futebolística desenvolveu-se nas cidades rio-grandenses de Novo Hamburgo e Caxias do Sul, localidades que se situam dentro do bojo do processo de industrialização sul-rio-grandense ocorrido durante a primeira metade do século XX. O texto visa, ainda, realizar uma comparação do futebol nessas duas cidades distintas do ponto de vista da organização étnica e do mundo do trabalho, mas com semelhanças e diferenças entre os dois processos relacionados à prática do futebol nas cidades de Novo

Hamburgo e Caxias do Sul, bem como na constituição dos seus principais clubes durante o período acima delimitado.

O futebol em Novo Hamburgo

O setor coureiro-calçadista definiu nesses anos iniciais a fonte de riqueza da cidade e transformou Novo Hamburgo, em algumas décadas, de um distrito em uma cidade polo da região do Vale do Rio dos Sinos.

Através desse crescimento industrial verificado desde o final do século XIX, Novo Hamburgo configurou-se como o núcleo inicial da região colonial alemã do Estado, transformando-se, assim, em uma das cidades mais importantes da região, aparecendo, já na década de 1940, com um dos seus cognomes mais famosos, “Cidade industrial”, dada a sua pujança econômica baseada no setor coureiro-calçadista.⁴

Essa grande riqueza gerada pelo couro e calçado, antes mesmo de sua emancipação política em 1927, fez com que Novo Hamburgo, em termos de esporte, acompanhasse as tendências ditadas pela não muito distante capital, apesar de possuir apenas 8.000 habitantes (SELBACH, 1999). Na virada do século, possuía clubes de tiro, de ginástica, de canto, de bolão, assim como os seus conterrâneos teuto-germânicos possuíam em Porto Alegre (PRODANOV, 2008).

No entanto, não foi a partir desses clubes tradicionais que surgiram as agremiações futebolísticas na cidade. O primeiro clube de futebol foi fundado no dia 1º de maio de 1911, quando um grupo de ex-funcionários da Fábrica de Calçados de um dos empresários locais, Pedro Adams Filho, – Manoel Lopes Mattos, José Scherer, Aloys Auschild, Manoel Outeiro, João Tamujo e Adão Steiglefer – criou a agremiação

⁴ “Noticiário”. Jornal “O 5 de abril”, 14 set. 1944, vol. 7. Arquivo Público do Vale do Rio dos Sinos.

esportiva, de cores azul anil e branco. Nascia, assim, do sentimento de trabalhadores das nascentes empresas calçadistas, distantes dos tradicionais clubes da cidade, o Esporte Clube Novo Hamburgo – ECNH.

Quando foi fundado o ECNH por pouco não se tornou Adams Futebol Clube, já que uma corrente dos fundadores defendia a adoção desse nome em função da origem fabril de seus fundadores. Entretanto, saiu vitoriosa a ideia de desvincular o clube da empresa, em favor de se adotar o nome da localidade, que alguns anos depois viraria município.

Apesar de a localidade ter surgido após a chegada dos primeiros imigrantes alemães a Novo Hamburgo, em 1824, essa predominância econômica deu-se, principalmente, devido à chegada da linha férrea à cidade, em 1876, que alavancou a formação deste núcleo populacional e combustanciou a economia local (SELBACH, 1999).

O *Football-Club* Esperança, por sua vez, surgiu justamente como contraponto ao ECNH. O clube foi fundado três anos após o ECNH, no dia 10 de maio de 1914, por um grupo de trinta e oito comerciantes e industriais da localidade de Hamburgo Velho, núcleo inicial da colonização teuto-brasileira em Novo Hamburgo, que representavam a elite tradicional do “Hamburguer Berg”, primeira denominação dada a Hamburgo Velho:

Os fundadores do FBC Esperança, diferentemente do seu maior rival, o Esporte Clube Novo Hamburgo, eram, em grande parte, proprietários de estabelecimentos fabris e comerciais de Hamburgo Velho. Desse modo, esta elite local sentia a necessidade de possuir um time de futebol próprio, para poder se sentir em pé de igualdade com a localidade vizinha – e rival – de Novo Hamburgo (PRODANOV e MOSER, 2011, p. 7).

Nesse sentido, essa disputa por espaço e importância, no cenário econômico-social da então Novo Hamburgo, foi reproduzida e, em muitas ocasiões, exacerbada, dentro dos gramados de futebol, onde a rivalidade entre Hamburgo Velho e Novo Hamburgo mostrou-se de modo muito particular.



Figura 1: Fotografia do time principal e da direção do ECNH, nos anos 1940.
(Foto: Acervo Alceu Feijó).

Na imagem acima, aparecem a comissão técnica, parte da direção e o time principal do ECNH em seu segundo estádio, o dos Taquarais. Na foto, todos estão vestindo camisetas com o dístico “PGS”, que significa “Pela Grandeza dos Sports”, numa referência à prática de esportes como um ato cívico de patriotismo. A fotografia também mostra como, em especial a partir do surgimento do Estado Novo varguista, em 1937, o futebol foi utilizado como um veículo de propaganda do regime instaurado por Getúlio Vargas. Essa modalidade esportiva também foi utilizada como um elemento para se tentar elaborar uma identidade nacional mais coesa, como mostram Del Priore e Melo (2009).

Além do Esporte Clube Novo Hamburgo e do *Football-Club* Esperança, havia ainda outros times de futebol na cidade: em 1919, foi fundado o *Sport-Club* Olympio; em 1921, o *Sport-Club* Progresso; em 1923, o *Sport-Club* Victoria; em 1924, o *Sport-Club* Palmeira; em 1925, o *Sport-Club* Guarany e o *Sport-Club* Canudense; e, em 1927,

o Grêmio *Sport* Hamburguez de *Football* e Atletismo, bem como o *Sport-Club* Municipal e o *Sport-Club* Ypiranga (PRODANOV, 2008).

A atividade futebolística na “Pérola das colônias”

Nas colônias italianas, em contrapartida, o desenvolvimento das atividades futebolísticas assumiu um caráter peculiar, contrastando com a capital do Estado e mesmo com Novo Hamburgo. Talvez esse fato relacione-se com alguns aspectos próprios do processo de colonização dessa região serrana.

A imigração italiana no Rio Grande do Sul começou oficialmente em 1875 quando a primeira leva de imigrantes chegou aos “fundos de Nova Palmira”, atual cidade de Caxias do Sul (MICHIELIN, 1994). Esse contingente imigratório teve como procedência “[...] pequenos proprietários e meeiros das regiões altas do Vêneto, das províncias de Vicenza, Trevivo Beluno e Údine. Esta região caracterizava-se por possuir uma elevada concentração demográfica [...]” (MACHADO, 1999, p. 48). No período compreendido entre 1875 e 1880, problemas climáticos, como secas e fortes granizos no inverno italiano, estimularam a imigração ao sul do Brasil.

Lentamente, e com inúmeras dificuldades, a começar pelas terras mais difíceis de serem trabalhadas que as do Vale do Rio dos Sinos, onde os alemães se instalaram cinco décadas antes, passando pelo estado de abandono das autoridades imperiais, que eram as responsáveis pelos cuidados aos colonos recém-chegados, a “zona italiana” começou a prosperar, tendo como centro regional Caxias, então distrito de São Sebastião do Caí. Caxias do Sul emancipou-se politicamente em 1900 e com a chegada da linha férrea tornou-se um dinâmico centro econômico regional.

Em 1913, ano da fundação do Esporte Clube Juventude – ECJ, Caxias do Sul já era uma cidade que se preocupava com a sua urbanização, crescendo rapidamente e

carreando cada vez mais rendas aos cofres rio-grandenses através de sua crescente produção vitivinícola e, entre outros, de produtos metalúrgicos. Nesse período, a fábrica Abramo Eberle era a principal representante da atividade fabril caxiense (MICHIELIN, 1994).

Assim como a atividade industrial crescia com velocidade na cidade, as atividades sociais também se desenvolviam; a incipiente elite da cidade já podia se dividir em diversos clubes. A fundação do ECJ, em 28 de junho de 1913, foi justamente fruto dessa disputa entre segmentos da classe dominante caxiense, que começou a ocorrer na década de 1910.

Das divergências, originara-se um movimento separatista que terminou confluindo para o nascimento de uma nova entidade social: o Recreio da Juventude. Os solteiros, sentindo-se discriminados com as atitudes dos casados do (clube) Juvenil, não se conformaram e da cisão resultou o Recreio. No início unicamente para solteiros! Muitos desses rapazes desejavam, também, fundar um clube eminentemente futebolístico. Ligaram-se ao Recreio – pois a ele pertenciam – e no ano seguinte partiram para a concretização de ideia (MICHIELIN, 1994, p. 65).

Dessa forma, iniciou-se na década de 1910 uma rivalidade entre esses dois clubes, Juvenil e Juventude, que perdura até os dias atuais, tendo em vista que o Esporte Clube Juvenil, nos anos 1940, trocou seu nome para Esporte Clube Flamengo e, posteriormente, em 1970, para a Sociedade Esportiva Recreativa Caxias, que permanece até a atualidade e é o maior rival local no futebol caxiense.

A rivalidade entre esses dois clubes, dentro e fora de campo, sempre foi intensa, por vezes violenta, independentemente do nome do adversário do ECJ. As habituais provocações durante as partidas acirraram-se a partir dos anos 1930, principalmente com a organização da liga caxiense de futebol, na qual houve uma superioridade flagrante do futebol do Juventude em relação ao Juvenil e aos outros

clubes que surgiram nos anos posteriores.

No entanto, em Caxias, não havia somente o Juvenil e o Juventude como clubes de futebol: havia o *Sport Club* Grêmio Caxiense, fundado na década de 1910, com o qual o Juventude disputou sua primeira partida oficial; existiu também o Eberle Futebol Clube, que foi fundado pela empresa Abramo Eberle, em 1943, exatamente para ser um contraponto ao ECJ e ao Juvenil.

Em muitas ocasiões, registrava-se em Caxias uma acirrada disputa entre os clubes com diversos casos de agressões e arruaças promovidas pelas torcidas dos times, que agitavam a ainda pacata Caxias da primeira metade do século XX (MICHIELIN, 1994).

Considerações finais

As origens e o desenvolvimento das atividades futebolísticas em Novo Hamburgo e Caxias do Sul possuem semelhanças e diferenças extremamente interessantes de serem abordadas, pois configuram o mosaico que foi o surgimento de clubes de futebol no Brasil do início do século XX.

A formação do ECNH deu-se por trabalhadores de fábricas da região central de Novo Hamburgo, especialmente da Fábrica de calçados Sul-rio-grandense. Enquanto isso, o Esperança, que se tornou o maior rival do ECNH, surgiu como um clube que também era integrado por segmentos populares, mas no qual subsistia a presença da elite comercial e industrial local.

O surgimento dessa intensa rivalidade experimentada em Novo Hamburgo entre os dois clubes tem alguns elementos comuns com outras cidades brasileiras onde o futebol se desenvolveu. Nessa cidade, a forte rivalidade futebolística esteve aliada a um

expressivo surto industrial. Entretanto, ao contrário dos grandes centros industriais brasileiros, onde as agremiações desse esporte, em sua grande maioria, foram fundadas por elementos populares, percebeu-se que houve em Novo Hamburgo uma clara dualidade. De um lado o ECNH, fundado por trabalhadores de uma indústria de calçados e surgido na área central da cidade, de ocupação mais recente, e o FBC Esperança, formado a partir de elementos da elite local de Hamburgo Velho, como comerciantes e empresários do setor calçadista, representantes dos imigrantes mais antigos na ocupação local.

Já em Caxias, os dois principais clubes e que também se tornaram grandes rivais dentro e fora das quatro linhas, diferentemente do caso hamburguense, foram fundados por membros das elites caxienses, o que, no entanto, assim como no desenvolvimento do futebol de Novo Hamburgo, não impediu que pessoas de classes sociais menos favorecidas financeiramente atuassem como jogadores ou na estrutura administrativa ou técnica do Juventude ou do Caxias, mas não como dirigentes.

Outro fator que aproxima o futebol nessas duas cidades é que, já nos anos iniciais da fundação dos clubes nas zonas coloniais de Caxias e Novo Hamburgo, haviam se tornado polos do futebol no interior do Rio Grande do Sul, sem, contudo, poder concorrer com a capital ou as regiões dos portos ou fronteiras onde o futebol possuía um estágio mais elevado de desenvolvimento. Nessas localidades, o futebol começou a tomar corpo no momento em que a indústria passou a ter maior destaque dentro do cenário econômico do município. Assim sendo, o futebol teve componentes elitistas e populares, mas marcadamente territoriais, com os bairros e localidades bem definidos, além da questão étnica.

Na crônica esportiva de Novo Hamburgo, em especial nas informações encontradas no Jornal “O 5 de abril”, há referências dos jogos entre os principais times dessa cidade contra os de Caxias, que eram denominados como o “clássico da colônia” ou o “clássico ítalo-germânico”, dada a importância dessas partidas no contexto futebolístico rio-grandense nas décadas iniciais do século XX.⁵

Essa relevância do futebol em duas das mais destacadas cidades da região colonial do Rio Grande do Sul mostra que o futebol não se constituiu apenas como uma simples febre nacional restrita a capitais e portos do país. Foi sim uma prática disseminada em várias partes do território nacional e nas várias regiões dos Estados, o que significa que além das articulações e relações de poder, controle social e do corpo presentes no apoio e na disseminação da cultura do futebol, existiu também um forte componente de lazer coletivo e das massas trabalhadoras.

O futebol constituiu-se, assim, já na primeira metade do século XX, uma paixão lúdica fascinante para os jogadores e espectadores; era num esporte com regras claras, simples e que necessitava de pouco equipamento para ser praticado e assistido por contingentes relativamente grandes de pessoas.

Esses mesmos contingentes humanos foram importantes também em regiões de nova ocupação, colonização e de concentração de imigrantes e seus descendentes, como Caxias e Novo Hamburgo. Inevitavelmente, esses dois polos futebolísticos fazem surgir comparações entre o futebol de Caxias do Sul e o de Novo Hamburgo, mas, acima de tudo, mostram como o início e o desenvolvimento dessa modalidade esportiva no Rio Grande do Sul foi importante, e talvez fundamental, elemento formador de uma

⁵ Coluna “Notas Sportivas”. Jornal “O 5 de abril”, 6 dez. 1940, vol. 5. Arquivo Público do Vale do Rio dos Sinos.

identidade inicialmente local e depois regional, responsável pela consolidação de municípios e integração das etnias via esporte nacional.

Referências

BARDIN, Laurance. *Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAMO, Arlei. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 87-118, 1999.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

ESPORTE clube Novo Hamburgo. *História do Esporte Clube Novo Hamburgo*. Disponível em: <<http://www.ecnh.com.br/historia.asp>>. Acesso em: 21 abr. 2011.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país*. São Paulo: Contexto, 2009.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *canela preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 1, n. 11, p. 144-161, jul. 1999.

_____. Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil. *Scripta nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales*. Barcelona, v. 1, n. 94, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-108.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

KERBER, Alessander Mario; SCHEMES, Claudia; MAGALHÃES, Magna Lima. O futebol e a identidade negra em um espaço germânico. *Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital*. Buenos Aires, ano 13, n.121, jun. 2008.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do império*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. *Estudos Avançados*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p 179-188, 1999.

MICHIELIN, Francisco. *Assim na terra como no céu*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PRODANOV, Cleber Cristiano. O futebol no extremo sul do Brasil e sua chegada na região alemã de Novo Hamburgo. *Lecturas: Educacion Física y Deportes. Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 13, n.122, jul. 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. O futebol ítalo-germânico no Rio Grande do Sul. *Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital*. Buenos Aires, ano 14, n.135, ago. 2009.

_____. Marcas de uma história, marcas do futebol: o *Foot-Ball Club* Esperança. *Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital*. Buenos Aires, ano 14, n.152, jan. 2011.

RIBEIRO, Rafael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em BH (1904-1920)*. Belo Horizonte, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais.

RIO GRANDE, Sport Club. *Estatutos*. Rio Grande: Typographia da livraria Rio Grandense, 1914.

RODRIGUES, Marilita. *Constituição e enraizamento do esporte: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Belo Horizonte, 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais.

SCHEMES, Claudia *et al.* *Memória do setor coureiro-calçadista: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2005.

_____. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo. (1901-1935)*. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SELBACH, Jéferson Francisco. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. Porto Alegre: 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Marcelino Rodrigues. A massa faz 100 anos: futebol e sociedade em BH hoje. *Recorte: Revista de linguagem, cultura e discurso*, Belo Horizonte, ano 5, n. 9, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao9/9_artigo-marcelino.html>. Acesso em: 29 abr. 2011.